

Balcoo

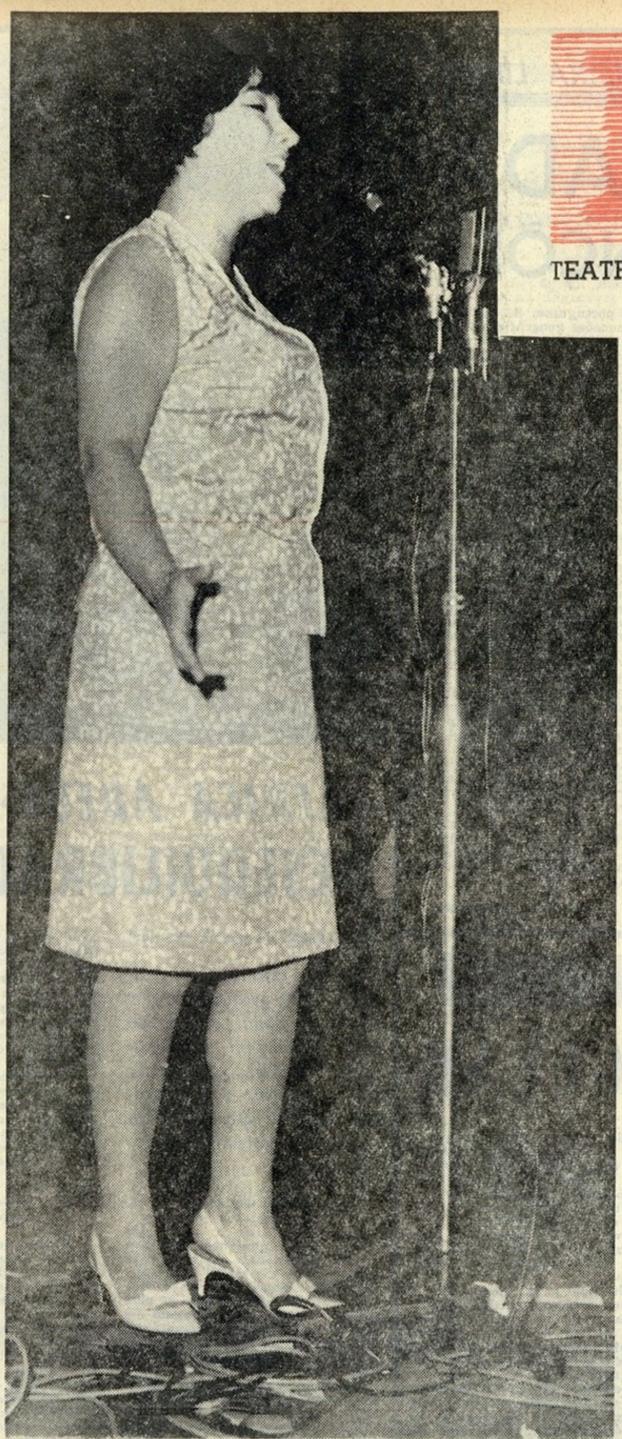
TEATRO - CINEMA - RÁDIO - TV - DISCOS - BALLE - MÚSICA

TERMINOU O PESADELO de Lurdes Resende

Os «Penicheiros», a «Sociedade dos Franceses», as casas de espectáculos mais tradicionais do Barreiro, onde nasceu Maria de Lurdes Resende, voltam a ser olhadas como alguma coisa que é propriedade viva do presente. Ainda há pouco, no entanto, dir-se-iam piedosas sombras evocativas. Agora, como que regressaram à vida plena. Porque Maria de Lurdes Resende regressou, também, ao ambiente eleito da sua vida: a música, os palcos, os estúdios, enfim a paisagem sonora e iluminada em que a mulher e a cançonetista, vinculadas aos mesmos arrebatamentos da alma e da vivência estética dos ritmos, criaram como que um tipo especial da arte de cantar e de ser cançonetista.

Aí a temos, pois, de novo — ou, simplesmente, se preferirem, eis Maria de Lurdes Resende no plano em que todos a conhecemos: actuando e comunicando, directamente, com o seu grande público.

• Nova
viagem
em
Seiembro
aos E. U.



«ÁFRICA ADEUS»

—UM FILME EMOCIONANTE

DESPERTANDO a curiosidade das gentes pela via do sensacionalismo, suscitando discussões apaixonadas, extremando campos de

gráfica, continua em exibição num dos cinemas de Lisboa «África adeus», filme realizado por uma equipa dirigida por Jacopetti, responsável, também, por «Mundo cão» e «Mundo cão n.º 2». Na linha daquilo que parecem

ser as predilecções de Jacopetti, «África adeus» é, antes de mais, um filme chocante, agressivo, procurando a todo o custo um ineditismo de tom documental mas situado a meio caminho entre a verda-

(Continua na página seguinte)

Por
Xavier
Pacheco

Jacopetti detém-se sobre alguns aspectos sérios do mundo africano, mas fá-lo superficialmente e muitas vezes de uma forma equívoca.

opinião, fascinando pelo alarde de uma perfeita e bem dominada técnica cinematográfica.



CRÍTICA DE RÁDIO E TELEVISÃO • CRÍTICA DE

TEVE DUAS FACES A REPORTAGEM SOBRE A PONTE

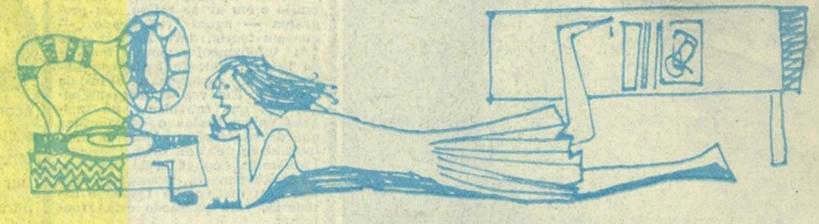
Procurou a R. T. P. mobilizar todos os seus recursos técnicos para fazer a «cobertura completa» do gran-

dioso e histórico acontecimento que foi a inauguração da ponte sobre o Tejo. Até, pela primeira vez, foi utili-

zando um helicóptero. E ainda houve o concurso de um carro da TV espanhola. Dir-se-á, (CONTINUA NA PÁG. SEGUINTE)



Não foi de nível famoso o 7.º Festival da Canção de Aranda do Douro, mas foi bom para a música ligeira portuguesa. É que entre as seis primeiras classificadas Portugal colocou três! Mais: o primeiro prémio foi para uma composição nacional, «A dança do mundo», de Carlos Canelhas e António Antão, e proporcionou a Artur Garcia (que já era repente em Aranda) uma boa interpretação. Uma outra canção portuguesa, «Elegia», de Resende Dias — Maria Amália da Fonseca, obteve o troféu do Instituto Hispânico de Cultura, para a melhor letra. Artur Garcia (na imagem) recebe sorridente a «Margarida» de ouro referente ao primeiro prémio — foi um êxito moral para o artista.



DISCOS

HA um ano era praticamente desconhecida; hoje é Mireille Mathieu. De monitora num campo de férias, Mireille chegou num ápice a cançonetista-vedeta. O seu caso não é único, mas é raro. Ela tem valor, mas nada conseguiria se não tivesse atrás de si uma poderosa organização. «Vivo como uma reclusa, trabalho imenso e quase não saio». Esta confissão de Mireille dá uma ideia sobre o seu programa de preparação, confiado a alguns dos melhores especialistas franceses. Ter uma voz parecida com a de Edith Piaf não chegava à jovem Mireille Mathieu para triunfar. Mas foi o ponto de partida. Ela reunia as qualidades necessárias para ser transformada numa vedeta. O resto viria depois. Johnny Stark, o homem que lançou Johnny Halliday, um dos mais experientes empresários de Paris, tomou a seu cargo a carreira de artista. Ela só tem que cumprir e estudar. Professores de canto, de dicção, de boas maneiras, de línguas foram contratados



(CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE)